



Portugal e a Construção Europeia

Adriano Moreira | António Martins da Silva | António Vitorino | Barbosa de Melo | Calvet de Magalhães | Carlos Reis | Eduardo Lourenço | Ernâni Lopes | Gomes Canotilho | Jacinto Nunes | Braga de Macedo | Manuel Porto | Maria Manuela Tavares Ribeiro | Medeiros Ferreira | Reis Leite | Vitor Martins | Xavier Pintado



ALMEDINA



Maria Manuela Tavares Ribeiro
António Moreira Barbosa de Melo
Manuel Carlos Lopes Porto
(Org.)

PORTUGAL
E A
CONSTRUÇÃO EUROPEIA



ALMEDINA

TÍTULO: PORTUGAL E A CONSTRUÇÃO EUROPEIA

AUTORES: MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO
ANTÓNIO MOREIRA BARBOSA DE MELO
MANUEL CARLOS LOPES PORTO (ORG.)

EDITOR: LIVRARIA ALMEDINA – COIMBRA
www.almedina.net

LIVRARIAS: LIVRARIA ALMEDINA
ARCO DE ALMEDINA, 15
TELEF. 239851900
FAX 239851901
3004-509 COIMBRA – PORTUGAL
livraria@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA
ARRÁBIDA SHOPPING, LOJA 158
PRACETA HENRIQUE MOREIRA
AFURADA
4400-475 V. N. GAIA – PORTUGAL
arrabida@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA – PORTO
R. DE CEUTA, 79
TELEF. 222059773
FAX 222039497
4050-191 PORTO – PORTUGAL
porto@almedina.net

EDIÇÕES GLOBO, LDA.
R. S. FILIPE NERY, 37-A (AO RATO)
TELEF. 213857619
FAX 213844661
1250-225 LISBOA – PORTUGAL
globo@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA
ATRIUM SALDANHA
LOJAS 71 A 74
PRAÇA DUQUE DE SALDANHA, 1
TELEF. 213712690
atrium@almedina.net

LIVRARIA ALMEDINA – BRAGA
CAMPUS DE GUALTAR
UNIVERSIDADE DO MINHO
4700-320 BRAGA
TELEF. 253678822
braga@almedina.net

EXECUÇÃO GRÁFICA: G.C. – GRÁFICA DE COIMBRA, LDA.
PALHEIRA – ASSAFARGE
3001-453 COIMBRA
E-mail: producao@graficadecoimbra.pt

DEPÓSITO LEGAL: JANEIRO, 2003
187861/02

Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	9
--------------------	---

PARTE I

CULTURA, IDEOLOGIA E PERCEPÇÃO

EÇA E A EUROPA OU AS SUAS RAZÕES CARLOS REIS	15
OS INTELECTUAIS E A IDEIA DE EUROPA MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO	31
A PERCEPÇÃO INSULAR DA EUROPA JOSÉ GUILHERME REIS LEITE	41
UMA EUROPA DE NAÇÕES OU OS DENTES DE CADMO EDUARDO LOURENÇO	53
COMENTÁRIO ADRIANO MOREIRA	63

PARTE II

OS DESAFIOS POLÍTICOS

PORTUGAL E A IDEIA FEDERAL EUROPEIA: DA REPÚBLICA AO FIM DO ESTADO NOVO	
ANTÓNIO MARTINS DA SILVA	69
A CONSTRUÇÃO EUROPEIA E A DEFESA DAS IDENTIDADES NACIONAIS: UMA PERSPECTIVA NORMATIVA	
A. BARBOSA DE MELO	101
A PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NAS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS DO APÓS-GUERRA	
JOSÉ CALVET DE MAGALHÃES	125
A ESTRATÉGIA PARA A ADESÃO ÀS INSTITUIÇÕES EUROPEIAS	
J. MEDEIROS FERREIRA	137
AS PERSPECTIVAS DEPOIS DE NICE	
ANTÓNIO VITORINO	167
COMENTÁRIO	
J. J. GOMES CANOTILHO	175

PARTE III

O QUADRO ECONÓMICO: RISCOS E OPORTUNIDADES

A PARTICIPAÇÃO DE PORTUGAL NA EFTA	
V. XAVIER PINTADO	179
O PROCESSO DE INTEGRAÇÃO DE PORTUGAL NAS COMUNIDADES (EUROPEIAS) – UMA AVALIAÇÃO GERAL, DÉCADA E MEIA DEPOIS	
ERNÂNI RODRIGUES LOPES	191

EUROPA SEGURO CONTRA A VORACIDADE	
JORGE BRAGA DE MACEDO	217
 O SONHO DA CONVERGÊNCIA REAL	
MANUEL PORTO	
.....	235
 O EQUILÍBRIO DE INTERESSES NA UNIÃO EUROPEIA	
VÍTOR MARTINS	261
 COMENTÁRIO	
JACINTO NUNES	273

OS INTELECTUAIS E A IDEIA DE EUROPA

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

1. Hoje, os Europeus vivem um paradoxo. Por um lado, a “Europa” continua a construir-se com um movimento que, confusamente, é considerado irreversível para todos, quer seja desejado por uns, ou temido por outros, quer seja criticado pela sua rapidez ou pela sua lentidão. Por outro lado, esta mesma Europa, que se assume como uma herança do passado, uma construção do presente e um projecto do futuro, não faz só vibrar os espíritos, mas apresenta ainda, para muitos, uma silhueta fluida. É um dos deveres dos intelectuais interrogar-se face a esta débil “imagem da Europa” e ao fraco “sentimento europeu”, realidades que contrastam com o poder do processo de construção europeia, sobretudo desde 1989. Assim, no interior, a “Europa”, se suscita entusiasmos, a verdade é que também não gera grandes emoções colectivas e provoca, sim, dúvidas e cepticismos.

De facto, o movimento do “real” – a construção europeia – nem sempre seduz e empolga o “imaginário” dos Europeus.

A “identidade europeia” –, ou seja, o sentimento de pertença à Europa ou a consciência de ser europeu –, resulta de uma dimensão sociocultural. Ela é, simultaneamente, o resultado de uma herança que se fixa num passado plurissecular, e que se projecta no futuro, graças à percepção nem sempre clara, é certo –, de uma “comunidade de destinos”. Como escreveu Jacques Le Goff: «A Europa é, a um tempo, passado e futuro». Mas, a identidade europeia é também um processo complexo, um movimento com continuidades, rupturas e contradições na sua sucessão de tempos curtos e do tempo

presente. Não se é, nem se sente ser Europeu da mesma maneira em 1900 ou em 2002.

A “consciência europeia” não se confunde com a noção de “identidade europeia”. Ela releva, sobretudo, a dimensão moral e política, porque indicia a consciência da necessidade de *fazer a Europa*, a necessidade da construção europeia. Por outras palavras, pode-se muito bem ser europeu, sentir-se europeu e não se sentir a necessidade de se construir a “Europa”. Este processo de consciencialização –, diferente, portanto, do processo de identificação, mas intrinsecamente a ele ligado –, tem as suas próprias cronologias, variações e diferenças dentro do espaço europeu.¹

Por outro lado, o «sentimento europeu» diferencia-se pois designa o grau de adesão afectiva à necessidade de se *fazer a Europa*, com a aceitação, não só dos direitos que daí decorrem, mas também dos deveres que essa construção implica. Em todo o caso, a adesão à “Europa” é mais racional e o sentimento pende sobretudo para a ideia de Nação.

É possível apreender os momentos fortes desse processo de identificação e de consciencialização: eles situam-se nos primórdios do século XX, nos anos vinte e nos anos cinquenta, ou seja, nos momentos em que ressoam os efeitos das duas guerras mundiais. Mas, não é menos verdade que se a “identidade europeia” se modificou ao longo do século XX e se reforçou muito claramente – embora, segundo uma linha irregular –, a “consciência europeia”, essa, permanece fragmentária no seio das sociedades da Europa, e o “sentimento europeu”, esse, pesa menos do que os sentimentos nacionais.

Entre os Europeus, nem todos os caminhos da sua identidade e da sua consciência conduziram aos Tratados de Roma de 1957. Compreende-se. Não se deve, nem se pode apreender a história da Europa como um processo linear e determinado que vai da identi-

¹ Cf. *Identité et conscience européennes au XX^{ème} siècle*, Paris, Hachette, 1994 e *Imaginer l'Europe*, sous la direction de Klaus Malettke, Paris, Éd. Bélin, 1998. Veja-se *Identidade Europeia e Multiculturalismo. Actas do Curso Intensivo 28 de Fevereiro a 7 de Março de 2002*, coord. de Maria Manuela Tavares Ribeiro, Coimbra, Quarteto Editora, 2002.

dade à consciência, da consciência à construção europeia, depois, no futuro, do sucesso da integração à eclosão de um sentimento e de um patriotismo europeus. Será nocivo cair neste ponto de vista determinístico e teleológico, tentando a todo o preço prová-lo quais “cavaleiros da Europa” a agirem como, não há muito, outros procuravam demonstrar a inevitável necessidade de outro fim da história. Mas o intelectual, a quem repugne fazer da “Europa” e dos laços que unem os Europeus um objecto de análise, de pesquisa, de reflexão, se entende que se arrisca a anular o seu espírito científico, acaba por colocar-se numa atitude cega em relação a uma realidade que existe, e que ganha forma sob os nossos olhos.

2. Com efeito, após a II Guerra Mundial, pode falar-se do paradoxo europeu dos intelectuais.² Por contraste com o discurso do início do século XX e com o discurso entre as duas guerras, em que uma “Europa dos espíritos”, mesmo frágil, mesmo efémera, mesmo limitada a um restrito microcosmos, contribuiu para a elaboração de uma visão moderna de Europa, o pós-II Guerra Mundial –, quaisquer que sejam as continuidades e as referências –, produziu uma série de rupturas e de contradições. Assim, a partir dos anos 50, quando se entra na fase activa da construção europeia, os intelectuais, que tinham sido vanguardistas da unidade europeia parecem, muitos deles, bloqueados, se não até silenciosos, sobre o tema. As suas preocupações incidem raramente sobre questões europeias, diminuíram os seus encontros e, os poucos que se realizaram, não tiveram sucesso. Mais ainda, esse pós-guerra, principalmente com a divisão da Europa em dois blocos antagónicos, por uma lado, e a descolonização por outro lado, marca o fim da coincidência entre discurso europeu e discurso do universal. A II Guerra Mundial define uma dupla ruptura essencial, já que ela interrompe um diálogo europeu e, em particular o franco-alemão, porque a Europa que nasceu da guerra foi, desde 1947, uma Europa dividida em

² Daniel Salvatore Schiffer, *Grandeur et misère des intellectuels. Histoire critique de l'intelligentsia du XX^{ème} siècle*, Monaco, Éditions du Rocher, 1998.

duas, – uma Europa ocidental, atlântica, aliada e até dominada pelos Estados Unidos – e a “outra” Europa – a de Leste.

Não será preferível falar, mais do que de uma «consciência europeia» de um “inconsciente europeu”, a fim de captar essa multiplicidade de proximidades, essas abordagens indirectas, esses não-ditos, esses silêncios?³

Se os trabalhos sobre o tema para o período entre as duas guerras são numerosos, a relação dos intelectuais com a ideia de Europa no pós-II Guerra Mundial tem dado origem a estudos mais esparsos e a encontros menos frequentes.

No plano metodológico ressalta, principalmente nas pesquisas dos historiadores, a vontade de cruzar a abordagem temática com a cronológica. A primeira –, sem dúvida a mais complexa e cujos resultados só poderão aparecer após múltiplas pesquisas –, tem-se interessado pelo estudo dos intelectuais e pelas suas mudanças de opinião e suas inserções institucionais, sejam estas as grandes estruturas científicas, universitárias, profissionais, entre outras, ou, mais amplamente, as redes de sociabilidade oficiais ou oficiosas, de modo a melhor se compreender as grandes correntes ideológicas e se captar as ideias e os valores subjacentes aos seus posicionamentos em relação à Europa. É, todavia, a abordagem cronológica que parece impor-se. E ela permite distinguir dois tempos fortes da Europa no crivo dos intelectuais: o da guerra fria e o dos anos 80 e 90, entrecortados por uma espécie de longa depressão da ideia de Europa nos anos 1960-1970. Ecoam, então, os discursos terceiro-mundistas e anticolonialistas cujas concepções teóricas têm as suas traves-mestras no marxismo e no estruturalismo. Nos anos 50, quando se coloca a alternativa de uma Europa atlântica e liberal, oposta à ditadura soviética, ou de uma Europa neutra, isto é, de terceira via ou de “terceira força” entre os dois blocos, há, pode afirmar-se, um confronto político directo entre os defensores e os adversários da ideia de Europa. Mas a ideia, nos anos 80-90, recobra alento, marcada pela redescoberta da “outra Europa” e de um certo

³ *Expansions, ruptures et continuités de l'idée européenne*, II, Paris, Diffusion Les Belles Lettres, 1995.

universalismo europeu. É então que se sente evoluir um duplo processo de reorganização dos discursos com a desagregação do comunismo e a ressurgência de iniciativas europeias. Hoje, em matéria cultural, ou mesmo na (re)elaboração de verdadeiras políticas culturais europeias, pode dizer-se que é no pensamento de intelectuais da Europa de Leste, dessa “outra Europa”, que se encontram algumas perspectivas mais originais a começar pela recusa desta última designação. Entre outros, é o caso de Czeslaw Milosz, de Istvan Bibó e, sobretudo, de Jan Patočka, para quem a “outra” Europa não é de uma “outra” natureza, mas, com os seus trajectos e as suas tragédias, é apenas uma forma extrema das contradições que constroem a própria figura da civilização europeia no seu conjunto.

3. Se os intelectuais não renovaram senão parcialmente o pensamento da Europa no pós-II Guerra Mundial, o seu papel não é, no entanto, negligenciável na elaboração de uma Europa da cultura.⁴ Se quisermos apontar alguns exemplos no âmbito da cooperação universitária europeia verifica-se que a preocupação aumenta nos meados dos anos 50 e é, nas vésperas da fundação do Mercado Comum, que se revelam as primeiras tentativas de concertação. Assim, sublinhe-se, por exemplo, a Conferência dos Reitores para reflectir sobre a questão dos intercâmbios ou das equivalências dos diplomas. Mostra-o também o Colégio da Europa, em Bruges, centro de formação de eurocratas, ou o Instituto Europeu de Florença e o projecto de criar uma Universidade Europeia, que gerou sérias reservas e causou reticências em diversos Estados nacionais. Aliás, obstáculos semelhantes foram levantados em relação aos projectos de manuais de ensino europeus.

De uma maneira geral, a preocupação de pôr em vigor uma política cultural à escala da Europa remonta, nos seus primórdios, ao Congresso Europeu da Haia de 1948 – nas suas concretizações iniciais, relativamente às primeiras convenções culturais, aos meados dos anos 50. Mas é indiscutivelmente na década de 80 que esta

⁴ *Vers une Europe de la culture. Du théâtre à l'action communautaire*, Paris, L'Harmattan, 2000.

política cultural se desenvolve, como o testemunha, por exemplo, a emergência das “Cidades Europeias da Cultura”.

4. O que se torna ainda difícil, no presente estado dos sentimentos em relação à Europa, é a construção de uma simbólica que seja afectiva e identitária e, também aqui, os intelectuais, seja na fundamentação, seja na crítica, têm um papel a desempenhar, tanto mais que é necessário evocar e analisar os “lugares de memória” europeus, e não apenas os das guerras e os das carnificinas. É preciso criá-la e principalmente recriá-la a partir de uma herança histórica em ordem a que o passado ainda possa ser futuro. Não que uma prática simbólica não circule já – o hino, a bandeira, a moeda – “símbolos políticos e institucionais e os demais símbolos europeus de tipo propriamente cultural, símbolos literários ou icónicos, plásticos ou espirituais que lhe estão de algum modo indissociavelmente conexos». ⁵

Por sua vez, não se pode esquecer que certas representações da Europa, quer como figura feminina alegórica, quer como figura mitológica (a Europa e o touro), têm sido revitalizadas pela arte. Será interessante apurar o seu impacto nos nossos dias.

Também já um Panteão embrionário, com os grandes europeus laureados com o prémio Carlos Magno, bem como a vulgarização do tema sobre a Europa através de moedas, de selos, de postais, de imagens, de pinturas, de gravuras, de caricaturas, modo de insinuar que os Europeus não se reconhecem tanto nos seus mitos, mas nas figuras lendárias, mormente que encarnam as tragédias da Europa dos séculos XIX e XX.

5.. Em termos mais universitários, grupos de trabalho, colóquios e publicações têm assumido o tema – os intelectuais e a Europa – como seu objecto. Pense-se, por exemplo, na investigação sobre os intelectuais cristãos, bem como na elaboração de um discurso europeu, no discurso sobre as Resistências e a ideia de Europa,

⁵ João Medina, “Símbolos europeus. Breve inventário da simbologia da União Europeia”, in *A Construção da Europa. Problemas e Perspectivas*, coord. de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Edições Colibri, 1999, pp. 11-28.

sobre o anti-europeísmo, tanto na sua versão militante (anti-americana, anti-atlantista, anti-imperialista) como na sua versão teórica, campo em que tem sido forte o impacto da antropologia e da sociologia. Uma atenção particular deve ser dada aos intelectuais minoritários, aos regionalistas e separatistas, exilados e dissidentes, e à maneira como eles instrumentalizam ou simplesmente entendem a referência à Europa, enquanto saída contra as opressões da política centralizadora do Estado e do espaço nacional. É verdade que, nos anos mais recentes, a análise respeitante às políticas culturais europeias (festivais, encontros sobre cultura, etc.) está já largamente feita. Apesar de todas as insuficiências, é um facto que uma vasta gama de problemáticas está a ser analisada ou é alvo de projectos de pesquisa. Assim, os modos de circulação e de sociabilidade próprias dos meios intelectuais europeus orientam a reflexão sobre a europeidade. Com efeito, é a instrumentalização da ideia europeia nos discursos que deve ser analisada, quer se trate de examinar as suas analogias semânticas com as noções de “civilização”, ou mesmo de “ocidente”, quer, para o passado, as noções de universalismo ou modernidade, quer, hoje, a noção de pós-modernidade. Sem dúvida que, neste terreno, os trabalhos e estudos de antropologia, de sociologia, de história da arte, de crítica literária e os encontros sobre a ideia de Europa, mais frequentes no campo da literatura, da história, da filosofia têm dado contributos relevantes principalmente para a compreensão das relações da alteridade.

Salientarei – a título de exemplo, entre outros que poderiam ser enunciados, o interesse e a importância do grupo de pesquisas dos professores de história sob a égide da Comissão Europeia, formado em 1989, sob impulso de René Girault, professor da Universidade de Paris I e, depois, de Robert Frank, também titular da História das Relações Internacionais na Sorbonne (Paris I).

Os resultados das investigações foram dadas a lume, em 1993, na obra colectiva *Identité et conscience européennes au XX^{ème} siècle* e no estudo de Anne Deighton, *Building Postwar Europe. National Decision Makers and European Institutions 1948-1963*. Entretanto, vários encontros se têm realizado e constituíram-se múltiplos grupos de trabalho, que integram historiadores e outros intelectuais de vários países – do ocidente e da *Mitteleuropa* – de

história, de geografia, de ciência política, de literatura comparada, de antropologia, de sociologia, de filosofia, de direito, de economia. Eles têm procurado concretizar um análogo programa de pesquisa, numa perspectiva comparada, transnacional e intereuropeia.

6. Presentemente, o campo de análise conhece já outros pólos: tem-se alargado não só aos diversos Estados da União Europeia, mas também à *Mitteleuropa* e ao Leste Europeu. O espaço dilatou as suas fronteiras – geográficas e temáticas, sendo de destacar a análise sobre as relações entre elites e opiniões públicas. Nesta investigação, procura-se responder a questões como estas: quais são os proveitos ou as perdas desta construção europeia aos olhos dos seus actores e dos intelectuais? Qual a sua evolução no tempo? Que diversidade de vias da construção europeia e quais as opiniões das elites intelectuais? Como apreender o conceito de elite?

A problemática não é nova, pois numerosos estudos de sociologia política vieram a lume, sobretudo a partir do período entre as duas guerras, como os de Vilfredo Pareto e Gaetano Mosca.⁶ Segundo a teoria clássica das elites, explanada na recente obra de Renata Dwan (St. Antony's College, Oxford), na maior parte das sociedades, o poder está concentrado nas mãos das minorias que exercem o seu monopólio para influenciar, de maneira decisiva, as iniciativas das sociedades.⁷ É óbvio que esta hipótese privilegia o consenso no seio dessas minorias activas. O estudo de Wright Mills, posterior à Segunda Guerra (1956),⁸ sublinha, de igual modo, os fundamentos institucionais do processo de formação de elites. Segundo estes, os indivíduos usufruem do seu poder em posições dominantes que mantêm em estruturas institucionais de uma

⁶ Vilfredo Pareto, *The Mind and Society*, New York, Dover Press, 1935 e Gaetano Mosca, *The Ruling Class*, New York, Mc Graw Hill, 1939.

⁷ Renata Dwan, "Un outil puissant: les théories de l'élite et de l'étude de la construction européenne", in *Europe des élites? Europe des peuples? La construction de l'espace européen 1945-1960*, sous la direction de Elisabeth du Réau, Paris, Presses de la Sorbonne Nouvelle, s. d., pp. 27-49.

⁸ Wright Mills, *The Power Elite*, New York, Oxford, University Press, 1956.

sociedade, quer sejam organizações políticas, quer militares, quer económicas. Agindo em sinergia, os actores, influentes no seio destes três sectores, formariam uma elite de poder consciente, coerente e coesa.

Porém, a um outro nível, alguns trabalhos históricos permitem apreciar o peso das opiniões públicas na aceitação ou rejeição dos grandes projectos europeus, embora este seja um campo ainda só parcialmente investigado. O seu aprofundamento impõe-se tanto mais que, sem ele, não se poderão encontrar sólidas e duradouras soluções para estas dúvidas: será a Europa em construção a Europa dos Povos? E quais são os olhares exteriores sobre esta construção europeia em curso? Qual é a atitude dos Estados Unidos, dos povos do Médio Oriente, da África, da Ásia?

E estas perguntas têm subjacente outras ainda mais decisivas. A construção do espaço europeu será obra das “elites” europeias, ou ela é uma aventura colectiva à qual se associam os povos? É que a recepção pelas opiniões públicas dos grandes projectos europeus é uma inquietação simultaneamente prática e teórica, dado que os trabalhos a ela consagrados têm posto em relevo as resistências de certas correntes de opinião, assim como défices de legitimação democrática que importa superar.⁹

E como a construção da Europa é, e será um permanente e um complexo *fieri*, mobilizar os intelectuais, com a sua capacidade crítica e criadora para essa tarefa, significa convocar todos os saberes. É que, epistemologicamente, a Europa é um problema trans e interdisciplinar. Com estas minhas reflexões, só quis juntar a outras vozes a minha voz, como historiadora e como cidadã.

⁹ Leia-se *Europe des Elites? ... cit. e Identité et conscience européennes au XX^{ème} siècle*, Paris, Hachette, 1994; Elisabeth du Réau, *L'idée d'Europe au XX^{ème} siècle*, Paris, Éditions Complexe, 1996 e *Expansions, ruptures et continuités de l'idée européenne*, II, Paris, Diffusion Les Belles Lettres, 1995.



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E DO ENSINO SUPERIOR

ISBN 972-40-1833-4



9 789724 018331